

A personagem raposa das fábulas de Esopo e Jean de La Fontaine: uma análise sob a perspectiva de *ethos* discursivo

The fox character from Aesop's and Jean De La Fontaine's fables: an analysis from the perspective of discursive ethos

Michelly Dayane Soares Nogueira¹

Francisco Válber de Sousa Teixeira²

Resumo: Este artigo desenvolve uma análise discursiva acerca do *ethos* discursivo da personagem raposa, das fábulas de Esopo e Jean de La Fontaine, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Além disso, tem o objetivo compor um estudo com base em elementos da Análise do Discurso, como: *ethos* discursivo, a estereotipagem e a construção de uma imagem de si. Dessa forma, objetivamos caracterizar a constituição do *ethos* discursivo das raposas das fábulas de Esopo e Jean de La Fontaine; analisar a relação que há entre o *ethos* discursivo da raposa e a uma certa imagem relativa ao homem do século XXI; esclarecer se os estereótipos refletem o contexto social de produção discursiva. Com este estudo, percebemos que estas raposas manifestam-se sob formas diferentes. Compreendemos também que o gênero fábula é um ótimo instrumento para abordar temas sociais e filosóficos em sala de aula. Os autores que fundamentaram este trabalho foram Ruth Amossy e Dominique Maingueneau.

Palavras-chave: Personagem raposa; *ethos* discursivo; Análise do Discurso.

Abstract: This article develops a discursive analysis about the discursive ethos of the character Fox, from the fables of Aesop and Jean de La Fontaine, from the perspective of French Discourse Analysis. Moreover, it aims to compose a study based on elements of Discourse Analysis, such as: discursive ethos, stereotyping and the construction of an image of oneself. Thus, we aim to identify one of the discursive ethos of the foxes in the fables of Aesop and Jean de La Fontaine; to analyze the relationship between the discursive ethos of the fox and that of the 21st century man; to clarify how stereotypes reflect into the social context of production. Along this study, we realized that these foxes manifest themselves in different ways. We also understand that the fable genre is a great instrument to address social and philosophical issues in the classroom. The authors who supported this work were Ruth Amossy and Dominique Maingueneau.

Keywords: Fox character; discursive ethos; Discourse Analysis.

Introdução

Este artigo parte do pressuposto de que, ao analisarmos um discurso, seja este oral ou escrito, é necessária a compreensão de sua gênese, pois é

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7189998291242917>. E-mail: soaresmichelly@hotmail.com

² Mestre e Doutorando em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8249010081776018>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-4356-5661> E-mail: professorvalberteixeira@gmail.com

indispensável relacionar o discurso com suas condições sócio-históricas de produção e, com isso, compreender seu campo discursivo, bem como as especificidades que possibilitaram a emergência de certos discursos.

A partir desta reflexão, priorizamos e refletimos sobre as ideias e conceitos de estereotipagem e *ethos* discursivo, embasados teoricamente por Amossy (2005) e Maingueneau (2002), respectivamente, tendo como objetivo geral apresentar uma análise sobre o processo de constituição do *ethos* discursivo da personagem raposa, que está inserida nas fábulas de Esopo e Jean de La Fontaine, bem como das relações entre condições de produção do discurso e seu cronotopo.

Assim, tendo em vista os objetivos específicos, propomo-nos a identificar o processo de constituição do *ethos* discursivo da raposa das fábulas de Esopo (620-564 a.C.) e Jean de La Fontaine (1621-1695); analisar a relação que há entre o *ethos* discursivo da personagem raposa e uma certa imagem relativa ao “homem do século XXI”; bem como esclarecer se os estereótipos refletem o contexto social de produção. Para tanto, analisamos, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, as seguintes fábulas: *O raposo, o macaco e os animais*, atribuída a Jean de La Fontaine, e *O galo e a raposa*, atribuída a Esopo.

Por conseguinte, devido ao espaço limitado deste artigo, destacamos que na primeira fábula, além da análise acerca do processo de constuição do *ethos* da personagem, procuramos esclarecer se os estereótipos refletem o seu contexto social de produção; já em relação à segunda fábula, foi necessário consideramos a ideia de *cronotopo*, também, isto é, relacionamos tal ideia ao conceito de estereotipagem, de Amossy (2005), já que, podemos partir da ideia que para produzir uma “imagem” determinada, há uma ancoragem em representações relativamente cristalizadas (os estereótipos).

Para elucidarmos tal movimento, recorremos ao teórico russo Bakhtin (2003[1979]), quando reflete sobre os indícios históricos e culturais em um determinado gênero discursivo, a partir do cronotopo:

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando

pela natureza e terminando pelas ideias humanas (até conceitos abstratos) (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 225).

Os estudiosos Acosta-Pereira e Oliveira (2022) esclarecem que a relação entre tempo e espaço

[...] significam a experiência e se engendram em determinados horizontes ideológico-valorativos, que por sua vez reverberam no discurso, tendo justamente o cronotopo como baliza para sua constituição e funcionamento à luz de matizes sociais, históricos, culturais, políticos, econômicos ideológico-valorativamente marcados (ACOSTA PEREIRA; OLIVEIRA, 2020).

Em outras palavras, podemos compreender que ao considerarmos o cronotopo da segunda fábula em estudo, é possível compreender a relação entre espaço e tempo como um reflexo, como uma “imagem-demonstração”, isto é, nos possibilita entender como um sujeito entende a sua história, como vê a sua realidade que, por sua vez, é reverberada no seu discurso. Tais visões, avaliações, ao longo do tempo, também contribuem para que tais “imagens” sejam consolidadas, cristalizadas ou não. Daí, pensarmos na relação entre cronotopo e estereotipagem, visto que uma determinada representação de “imagem” é concebida como decorrente da enunciação e da interação com o coenunciador.

Por isso, a análise da relação que há entre o *ethos* discursivo da personagem raposa a uma certa imagem relativa ao “homem” do século XXI ser relevante. Maingueneau (2005) esclarece, ainda, que “os estereótipos culturais circulam nos registros mais diversos da produção semiótica de uma coletividade: livros de moral, teatro, pintura, escultura...” (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

Por conseguinte, refletimos acerca da personagem em estudo. Segundo Lanot *et al* (2007, p.191), a raposa “é uma personagem mais humana que animal” e aparece primeiramente nas fábulas de Esopo, autor grego do século VI a.C., onde graças à sua astúcia e/ou total ausência de escrúpulos, sempre consegue escapar de situações negativas. “É, antes de tudo, graças ao seu engenho que a raposa atravessa o livro como um personagem fascinante. Ela também representa o povo inventivo, que recorre em todos os ardis em sua luta pela sobrevivência” (LANOT *et al*, 2007, p. 192). Ainda, segundo o autor, a raposa talvez seja a personagem emblemática da própria fábula, narrativa por excelência astuciosa. Presente em aproximadamente quarenta e

uma fábula no livro de Esopo (2005), a raposa é a autora dos enganos e às vezes a enganada.

Assim, objetivamos estudar a raposa devido à sua personalidade antagônica, por tratar-se de uma personagem, por excelência, elegante, inteligente e sutil. A raposa também é conhecida como a rainha do mimetismo, característica fundamental para sua sobrevivência. Dessa maneira, adotamos, neste caso, seus aspectos positivos como: sua inteligência, esperteza e a capacidade de transformar situações negativas em situações que a favoreçam, como um aditivo à nossa composição de caráter, haja vista que as fábulas em sua essência têm como finalidade a formação de valores humanos devido à moral contida no final de cada história.

A fábula é um gênero discurso que trabalha tipicamente com atitudes, comportamentos, condutas e valores dos sujeitos. Ao abordá-los, relaciona-se diretamente com a sociedade, com o contexto e com a cultura.

A fábula, vista como prática social é um gênero discursivo de tradição marcadamente oral que tem finalidades e públicos específicos. Sua linguagem simples e direta faz com que os alunos se sintam instigados a opinar, a refletir quanto ao seu conteúdo, bem como quanto aos seus contextos de uso (CAMPOS, 2008, p. 5).

Parafraseando Portella (1983), as fábulas atribuídas a Esopo, nascido em meados do século VI a.C, procuravam dar um conselho e fazer revelações a quem escutasse sua narração. Além disso, apresentamos, a seguir, algumas informações contextuais referentes ao fabulista:

Uma biografia egípcia do século I conta que Esopo teria nascido em alguma cidade na Anatólia, no século VI a.C. Foi vendido como escravo em Samos a um filósofo que, posteriormente, lhe concedeu alforria. Plutarco, na mesma época, afirmou que Esopo teria sido conselheiro de Cresos, rei da Lídia, e que costumava contar histórias sobre animais, das quais extraía uma lição de moral. Pela simplicidade e amenidade da narrativa, esses relatos tornaram-se popularíssimos na Grécia clássica. [...] Em torno da morte de Esopo surgiram, também, muitas lendas. Segundo a mais difundida, ele teria morrido em Delfos, lançado de um precipício sob acusação de sacrilégio. As fábulas que lhe são atribuídas inspiram numerosos autores [...] (ESOPO, 2005, p. 15 – 16).

Já as fábulas de La Fontaine tinham como objetivo agradar e divertir os palacianos e figurões do século XVII. Assim, o fabulista francês deixava que a lição de moral fosse deduzida pelo seu decodificador, tendo em vista que o povo ou mesmo o fabulista não tinha voz ativa na sociedade. Isto é, a lição de moral era constituída ao longo da narrativa, de maneira implícita, para que ninguém precisasse rejeitá-la de imediato.

A França do século XVII vivia o período absolutista sob o reinado de Luís XIV, que melhor representou o Absolutismo, e foi o autor da célebre frase “L’État c’est moi” (O Estado sou eu). Neste período, só havia três classes socioeconômicas: o clero, a nobreza e o povo – que era a alta burguesia (banqueiros, empresários, industriais, comerciantes e legislativos), a média burguesia (médicos, professores, advogados, inspetores, dentistas, lojistas, artesãos e proletários), e a pequena burguesia (camponeses). Para a administração do sistema absolutista era necessário o conflito entre as classes sociais. Luís XIV protegia a alta burguesia e apoiava-a contra o clero e a nobreza (NOVAES, 2013)³.

Em contrapartida, o monarca também concedia privilégios ao clero e à nobreza, através de cargos e pensões. Deste modo, podemos inferir que Jean de La Fontaine⁴ pertencia à classe do Povo, precisamente a média burguesia, já que o autor havia estudado direito em Paris e, deste modo, era pertencente à categoria dos advogados. Seu pai pertencia também à mesma classe, devido ao fato de ter sido inspetor de águas e florestas, cargo que La Fontaine exerceu por um breve período.

Diante do exposto, consideramos este trabalho relevante por buscarmos um aprofundamento no estudo dos enunciados da personagem raposa, sob a perspectiva da Análise do Discurso, contribuindo, assim, com a constituição de um material de pesquisa e estudo de qualidade, para universitários de letras, literatura. Além disso, servirá de apoio àqueles que estão envolvidos com a formação de leitores, devido ao fato de tratar-se de um estudo das relações entre condições de produção do discurso e seus processos de constituição.

³ Informações com base no texto-enunciado de João Novaes (2013) intitulado Hoje na História: 1695 - Morre fabulista francês Jean de La Fontaine, no site: <https://operamundi.uol.com.br/historia/28334/hoje-na-historia-1695-morre-fabulista-frances-jean-de-la-fontaine>. Acesso em: 10.01.2023

⁴ Destacamos que Ruth Amossy tem estudos aprofundados acerca do coqueito de autor e de autorialidade, os quais não foram evidenciados em nosso estudo, devido ao espaço limitado deste artigo.

Enunciado como unidade da comunicação discursiva

A Análise do Discurso de linha francesa considera que os sujeitos são constituídos por ideologias, que podem refratar ou não sobre seu contexto histórico, social, entre outros, a partir do discurso. Por isso, este trabalho pretende analisar a constituição do *ethos* discursivo da personagem raposa nas fábulas que serão estudadas aqui.

Para Bakhtin (2003 [1979], p. 262), o uso da língua(gem) ocorre em forma de enunciados, os quais possuem condições e finalidades específicas ancoradas em três elementos: conteúdo temático, estilo de linguagem (os recursos linguístico-expressivos do gênero e as marcas linguístico-enunciativas do enunciadador) e construção composicional (a estrutura de textos pertencentes a um gênero), associando, ainda, às condições de produção.

A esse respeito, Maingueneau (2002, p. 95) corrobora que “toda fala procede de um enunciado encarnado; mesmo quando escrito, o texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito para além do texto”. Isto é, a maneira de dizer (o ato de enunciar- seja através de enunciados escrito ou oral) evidencia uma forma de ser do sujeito, ou seja, uma representação de si, que pode ou não ser confirmada (*ethos* mostrado) pelo coenunciador, que associa a uma corporalidade e a um caráter. Para Maingueneau, ao falar de *ethos*, compreende ainda essas duas dimensões. Desta forma, Bakhtin (1997 [1979]) ressalta que “a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista de seu conteúdo, de sua classificação, organizada fora do indivíduo pelas condições extraorgânicas do meio social” (1997 [1979], p. 127).

Sendo assim, considera-se que o enunciado possui um dos mais importantes papéis, na análise discursiva, pois é aquele que pode ser visto ou ouvido; é a materialidade linguística e, como tal, pode ser repetida em várias outras situações comunicativas. Além disso, os efeitos de sentido provocados por um enunciado estão irremediavelmente ligados à condição social, política, econômica, entre outros fatores. Porém, a cada vez que o enunciado for repetido, produzirá outros efeitos de sentido, pois estará inserido em outra situação de enunciabilidade, em outro momento histórico.

Esses outros efeitos de sentido são provocados nos destinatários, porque as formações discursivas são determinadas por diferentes posições sócio-histórico-ideológicas e nenhuma delas constitui um bloco homogêneo, isolado e fechado, pois pela própria natureza dialógica da linguagem, elas se cruzam num movimento incessante quer repetindo, quer apagando, parafraseando, denegando elementos, conforme Maingueneau (1997):

O sistema de regras que fundam a unidade de um conjunto de enunciados sócio- historicamente circunscritos; ao falar de formação discursiva, parte-se pois, do princípio de que, para uma sociedade, uma localização, um momento definido, só uma parte dizível é acessível, que esse dizível forma sistema e delimita uma identidade (MAINGUENEAU, 1997, p. 67).

Considerando que a Análise do Discurso é calcada no materialismo histórico, concebe-se o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social e que, por isso, o sujeito do discurso não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa. A esse respeito, Althusser (1970) argumenta que:

A ideologia é bem um sistema de representações: mas estas representações não têm, na maior parte do tempo, nada a ver com a “consciência”: elas são na maior parte das vezes imagens, às vezes conceitos, mas é antes de tudo como estruturas que elas se impõem à maioria dos homens, sem passar por suas consciências (ALTHUSSER, 1970, p. 86).

Não é como um conjunto de ideias que a ideologia deve ser interpretada, porém, como um conjunto de práticas materiais que tem a finalidade de reproduzir suas relações de produção. Em seu interior, a AD tem a possibilidade de representar “os efeitos da luta ideológica” e, contrariamente, manifestar no interior da ideologia a existência da materialidade linguística. A partir dessa configuração particular do discurso, como mediação entre o ideológico e o linguístico, havia a necessidade de se evitar reduzi-lo à análise da língua ou diluí-lo no trabalho histórico sobre ideologia.

Considerando que AD de origem francesa nos proporciona subsídios para a análise das manifestações dos enunciados, que estão diretamente ligados às

condições sócio-histórico-ideológicas de seus enunciadores, nos apropriaremos das concepções de *ethos*, dentro de um quadro da Análise do Discurso; e de estereotipagem e construção de uma imagem de si, propostas por Ruth Amossy, no sentido de analisar a constituição do *ethos* discursivo da raposa nas fábulas supracitadas.

***Ethos* discursivo, a estereotipagem e a construção de uma imagem de si**

A noção de *ethos* discursivo é construída a partir das relações existentes entre o sujeito e os discursos, que “vestindo-se” de características formam um conjunto de representações sociais, culturais, a fim de causar no interlocutor o discurso desejado. Numa perspectiva discursiva, o *ethos* está atrelado à vocalidade que o discurso é proferido, nos remetendo à “caracterização do corpo do enunciador” (MAINGUENEAU, 2006, p. 61). O *ethos* acopla uma série de elementos que se estende além do verbal, como características psíquicas e físicas.

O *ethos* aristotélico, entretanto, diferencia-se do *ethos* discursivo, segundo Maingueneau (2011, p. 17). Este teórico afirma que:

O *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “Imagem” do locutor exterior a sua fala”, [...] O *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de Influência sobre o outro, [...] “É uma noção fundamentalmente híbrida (Sociodiscursiva), Um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de Uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjunção sócio-histórica (MAINGUENEAU, 2011, p. 17).

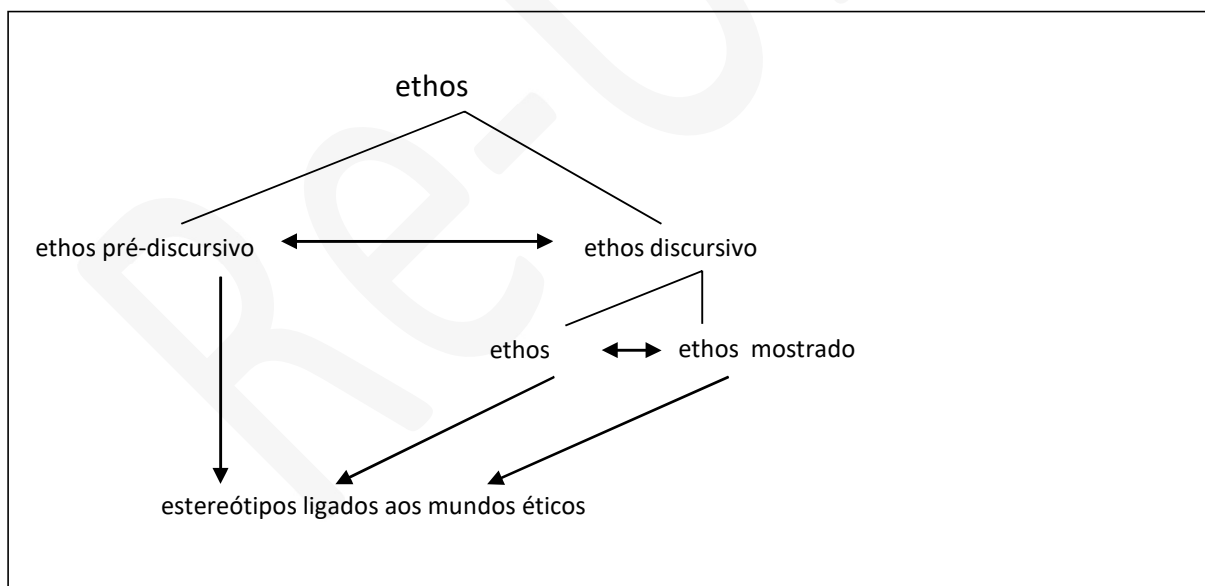
Destaca-se no campo do *ethos* discursivo a noção do fiador, que é construído por indícios textuais, e confere-se por uma identidade que tenta legitimar-se através da época, contexto econômico, político, entre outros estereótipos. Com isso, é válido salientar que o caráter e a corporalidade do fiador “[...] provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação [...]” (MAINGUENEAU, 2013, p. 108).

Em concordância com Maingueneau (2013, 2016), “o discurso visa a fazer com que o coenunciador *incorpore* o mundo ético que a enunciação constrói. Essa *incorporação*, isto é, a ação do *ethos* sobre o coenunciador” (MENDES; GABRIEL,

2018, p. 443). Ademais, existem alguns tipos de *ethos* (dito, mostrado, pré-discursivo, discursivo, efetivo) que possuem características diferentes, mas todos com o mesmo objeto de referência: o caráter/identidade do orador/personagem a partir do discurso.

Maingueneau (2012, p. 270) afirma que “o *ethos* de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: o *ethos* pré-discursivo, e o *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também, os fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*), diretamente ou indiretamente, por exemplo, por meio de metáforas ou de alusões de outras cenas de fala. A distinção entre o *ethos dito* e *ethos mostrado* se inscreve nas extremidades de uma linha contínua, pois é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o “mostrado”. O *ethos efetivo*, aquele que é construído por um dado destinatário, resulta da interação dessas diversas instâncias cujo peso respectivo varia de acordo com os gêneros do “discurso”, como mostra o esquema a seguir proposto por Maingueneau (2011, p. 19).

Quadro 1: Esquema proposto por Maingueneau.



Fonte: MAINGUENEAU, D. (2011.p, 19).

Assim, compreende-se que o *ethos*, de acordo com o esquema proposto por Maingueneau (2011), compõe-se de duas subdivisões: o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. O *ethos pré-discursivo* diz respeito às informações, a tudo o que coenunciador sabe sobre um determinado enunciador, antes mesmo que este enuncie, seja por conhecer o gênero discursivo ou devido às suas avaliações e

valores ideológicos; o *ethos* discursivo refere-se à imagem de si criada, constituída por meio de seu enunciado. Contudo, ressalta-se que o primeiro pode ou não ser confirmado pelo *ethos* discursivo.

Amossy (2005) defende, assim como Maingueneau (2011), que uma imagem de si é construída através do discurso. A autora afirma que, para que a imagem de si seja reconhecida pelo interlocutor (auditório), faz-se necessário que tais imagens partam de uma crença comum ou opinião popular em que estejam indexadas as representações partilhadas.

Segundo Amossy (2005):

O orador adapta sua representação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo. Ele não faz somente pelo que diz de sua própria pessoa (freqüentemente, não é de bom-tom falar de si), mas também pelas modalidades de sua enunciação. É então que ele incumbe ao receptor de formar uma impressão do orador relacionando-o a uma categoria conhecida (AMOSSY, 2005. p, 126).

Com base nestes pressupostos, o tom empregado no discurso é importante, pois um locutor que use um falar calmo e sereno pode ser hipoteticamente considerado como um homem pacífico. Aquele que usa uma linguagem rebuscada e sofisticada pode parecer um locutor culto. Aquele que utiliza um falar mais popular ou polido, que perpassa por todas as camadas sociais e concorda com todos os pontos de vista propostos pelo público, pode ser eventualmente considerado um locutor demagogo.

É a partir desta construção da imagem de si que a estereotipagem ganha forma. Segundo Amossy (2005, p. 125-126), “a estereotipagem é a operação que consiste em pensar o real por meio da representação cultural preexistente [...]. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida no interior da qual ela o classifica”. Dessa maneira, a autora concebe a noção de estereótipo como um “esquema coletivo cristalizado”, isto é, representações partilhadas e “validadas”, sócio-históricamente, por um grupo e/ou uma sociedade.

Análise discursiva das fábulas

Para apresentarmos as análises, minuciosamente, faz-se necessária a abordagem das siglas que compõem as referências às passagens da fábula de Esopo em que constam as siglas (P.) referente ao Parágrafo e (L.) referente à Linha, cujo texto está proposto em prosa. Na fábula de La Fontaine constam as siglas (E.) referente à Estrofe e (V.) referente ao verso, sendo o texto elaborado em versos (poesia). Além disso, destacamos também que as análises serão descritas e debatidas seguindo uma sequência em que poderemos observar, primeiramente, a delimitação das características da fábula, seguido da análise abordando as características da Análise do Discurso, e o atendimento às questões propostas nos objetivos específicos abordados. Com base nestas informações, vejamos a análise da fábula “O galo e a raposa”, de Esopo.

Fábula 1 – “O galo e a raposa”, de Esopo

Primeiramente, para compor a análise da fábula atribuída a Esopo, dispomos logo abaixo a fábula escolhida e faz-se necessária a definição dos elementos que constituem o gênero discursivo em análise.

Tabela 1: O galo e a raposa.

P	L	
1	1	Em meio aos galhos de uma árvore bem alta, um galo estava empoleirado e
	2	cantava em altos brados. Sua voz esganiçada ecoava na floresta. Ouvindo
	3	aquele som tão conhecido, uma raposa que estava caçando se aproximou da
	4	árvore. Quando avistou o galo lá no alto, a raposa começou a imaginar algo
	5	para fazer o outro descer. Com a voz mais boazinha do mundo, cumprimentou
	6	o galo dizendo:
2	7	– Ó meu querido primo, você ficou sabendo da proclamação de paz e harmonia
	8	universal entre todos os tipos de bichos da terra, da água e do ar? Acabou essa
	9	história de tentar ficando agarrar os outros para comê-los. Agora vai ser tudo
	10	na base do amor e da amizade. Desça para conversarmos calmamente sobre as
	11	grandes novidades!
3	12	O galo, que sabia que não dava para acreditar em nada do que a raposa dizia,

	13	fingiu que estava vendo uma coisa lá longe. Curiosa, a raposa quis saber o que
	14	ele olhava com ar tão preocupado.
4	15	– Bem – disse o galo –, percebo uma matilha de cães ali adiante.
5	16	– Nesse caso é melhor eu ir embora – disse a raposa.
6	17	– O que é isso, prima? – disse o galo. – Por favor, não vá ainda! Já estou
	18	descendo! Não vá dizer que está com medo dos cachorros nesses tempos de
	19	paz?!
7	20	– Não, não é medo – disse a raposa –, mas... e se eles ainda não estiverem
	21	sabendo da proclamação?
8	22	<i>Moral: Cuidado com as amizades muito repentinas.</i>

Fonte: ESOPO. Fábulas. São Paulo: Martin Claret, 2005.

Esta fábula foi escrita por Esopo, fabulista grego do século VI a.C. que utilizava o tipo prosa como estilo literário, e tem um narrador de caráter onisciente, que saberá de tudo que ocorre na trama e no pensamento dos personagens. A história desenvolve-se em “uma árvore bem alta” que é considerada o cenário, tendo como plano de fundo ou espaço “a floresta” em que esta árvore se encontra (1ºP. L. 1 – 2)⁵. Consecutivamente, o tempo ocorre de modo cronológico, em que as situações vão ocorrer ao longo da trama e sem necessidades de *flashbacks*.

Nesta fábula temos dois personagens de grande importância: o galo e a raposa. O galo é o personagem em que a trama se envolverá, neste caso, trata-se do protagonista da fábula. A raposa, portanto, é a personagem antagonista que proporcionará o confronto, a armadilha. O discurso das personagens, por sua vez, é direto. Pode ser percebido em toda a história através do diálogo entre a raposa e o galo marcado pelo uso de travessões.

A peripécia da fábula consistirá na tentativa da raposa em fazer o galo descer da árvore para tentar comê-lo. Ela tenta tal armadilha através de uma mentira transmitida em uma fala gentil (1ºP. L. 4 – 6. 2ºP.). Na sequência, encontra-se a resolução da trama que consiste no não ceder do galo aos artífices da raposa (3ºP. L. 12 – 14.). A partir dessa resolução aplica-se a moral “*Cuidado com as amizades*

⁵ Lê-se: 1º Parágrafo. Linhas 1 e 2.

muito repentinas” (8ºP.) como um aviso ao leitor/ouvinte da história. Vejamos a imagem a seguir:



Figura 1: (Milo Winter, in: ESOPO. **Fábulas**. Martin Claret. São Paulo. 2004. p.172).

Esta imagem, feita por Milo Winter, está proposta no livro *Fábulas*, de Esopo (2004), com a finalidade de conferir ao leitor a visualização do momento que está disposto no enredo da fábula. Percebe-se que a raposa está presente no plano inferior direito da imagem enquanto o galo encontra-se no plano superior esquerdo. A raposa adota uma postura que passa a impressão de que tenta comunicar-se com o galo, esta mesma postura de inclinar-se à outra pessoa – apoiada somente sobre as patas traseiras e utilizando a dianteira esquerda como apoio – transmite a sensação de tentativa de obter a atenção e convencer a fazer algo.

Primeiramente, na fábula “O galo e a raposa” de Esopo a personagem raposa aparece com sua característica animalésca (1ºP. L.3) em “*uma raposa que estava caçando*”. Essa característica nos permite inferir a possibilidade de atribuir outras características, como animal “faminto” e “perseguidor”, que podem ser atribuídos ao adjetivo caçador.

Observa-se, a partir das linhas 4 a 6 do primeiro parágrafo, que o autor atribui à personagem a característica que fundamenta o gênero fábula: a capacidade de pensar e falar. Expressas nas seguintes passagens: “Quando avistou o galo lá no alto, a raposa começou a imaginar algo para fazer o outro descer” (1ºP. L.4 – 5) e

“Com a voz mais boazinha do mundo, cumprimentou o galo [...]” (1ºP. L. 5 – 6). A partir destes enunciados, confere-se à raposa a qualidade de astuciosa a partir do momento em que o autor expõe sua atividade de pensar como algo relativo à inteligência prática. No primeiro enunciado, a raposa – ainda com o *status* de caçadora – parte para uma tática pensada rápida e habilmente, que denota a qualidade de ser pensante e de personagem astuto e ardiso.

Conseqüentemente, na segunda passagem, o autor nos permite compreender o ethos discursivo da personagem, a partir do momento em que a raposa – ainda em caça – muda sua tática para conquistar a confiança de sua presa, utilizando-se de um caráter amável – “Com a voz mais boazinha do mundo, cumprimentou o galo [...]” (1ºP. L. 5 – 6) – de modo teatral, possibilita-nos afirmar que neste momento o ethos da personagem começa a ser exposto como sendo algo fraudulento, trapaceiro, enganoso, porque a raposa está detendo-se do uso de uma notícia falsa, mas que usou deste artifício para tentar conseguir o que estava almejando.

A partir desse momento, a raposa manifesta o seguinte enunciado através de seu discurso direto: “– Ó, meu querido primo, você ficou sabendo da proclamação de paz e harmonia universal entre todos os tipos de bichos da terra, da água e do ar? Acabou essa história de tentar ficando agarrar os outros para comê-los. Agora vai ser tudo na base do amor e da amizade. Desça para conversarmos calmamente sobre as grandes novidades!” (2ºP. L.7 – 11). Neste enunciado, o discurso transmite um *ethos dito* amável, amigável, confiável e digno de credibilidade, através de uma aproximação que possui características de intimidade – em “Ó meu querido primo” – que soa de modo agradável, porém ineficaz em seu real objetivo de convencer o galo, sua presa.

Como o galo estava em cima de uma árvore cantarolando com uma voz em “altos brados”, e “sua voz esganiçada ecoava na floresta”, é possível dizer que ele possui um *ethos* vaidoso e que, por isso, estava com o objetivo de atrair a atenção do galináceo e dos outros bichos. Além disso, por confiar muito em si, não acreditou no discurso da raposa de que “Acabou a história de tentar ficando agarrar os outros para comê-los”, visto que ela se alimenta de carnes de outros bichos, como os galos. Nessa passagem, a Raposa transmite uma *imagem de si* que tem como estereótipo a imagem do bom amigo, entretanto, o galo não acredita nesta imagem,

pois o galináceo não acreditou na imagem transmitida pelo discurso da raposa, mas sim em uma imagem de um animal em que não se pode confiar.

O galo, percebendo o engodo, encontra uma saída para tal armadilha. Cria uma situação em que a raposa vê-se obrigada a recuar e ocasiona na exposição de mais uma característica para a composição do leque de seu *ethos*. Esta característica está presente no seguinte enunciado: “Não, não é medo, mas... e se eles ainda não estiverem sabendo da proclamação?” (7ºP. L. 20 – 21). A partir desta fala da raposa, inserida dentro do seu contexto, podemos discorrer sobre a emergência do *ethos* dialogal⁶, o qual, em seu processo de constituição reflete uma espécie de (re)negociação na enunciação. Para Maingueneau (2020), esse “é justamente o desafio essencial da interação, quando ela se efetua diante de um público que tem de ser conquistado” (MAINGUENEAU, 2020, p. 32). Por isso, é possível identificar um *ethos* dialogal medroso, covarde, reforçando a instabilidade do *ethos* em situação de interação oral, por exemplo.

Entretanto, para não demonstrar tais características, a raposa, usa-se da negativa – “Não, não é medo” – para causar no personagem que contracena com ela e no leitor, a ideia de dúvida, haja vista que, ainda no discurso da raposa, a personagem justifica a negativa através da partícula “se” usada como conjunção subordinativa condicional: “e se eles ainda não estiverem sabendo da proclamação?” (7ºP. L. 20 – 21). Deste modo, com medo de ser “desmascarada” pelo galo e acabar sendo devorada pela matilha de cães, porque sabia que seu discurso era “fraudulento”, a raposa veste-se do argumento criado – de modo engenhoso e astucioso – para causar dúvida, afastar a possibilidade de ser considerada medrosa por sua presa e utiliza-se do sofismo contra o galo para encerrar a cena como a personagem, em seu discurso, apresentando um *ethos dito* amável e amigável. Com base nas análises dos enunciados da personagem Raposa, observamos que são construídos efeitos de sentido que refletem comportamentos sociais como: a astúcia, a engenhosidade hábil, a mentira, o caráter ambíguo, deformado e oblíquo, hipócrita e covarde.

A partir dos indícios textuais presentes nos enunciados da personagem aqui analisadas superficialmente, na moral da fábula, a raposa tenta repentinamente

⁶ A respeito do conceito de *ethos* dialogal, recomendamos a leitura da obra *Variações sobre o ethos*, de Maingueneau (2020).

tornar-se amiga do galo através de um discurso agradável (sedução) na tentativa de comê-lo. Este, não confiando na raposa, recusa-se a cair no engodo. Assim, a moral da fábula é a máxima do saber (a ideologia) transmitida pelo autor: “Cuidado com as amizades muito repentinas” (8ºP.), ou seja, a de que se deve tomar precauções quanto aos discursos de “desconhecidos”.

Em uma análise mais profunda, se levarmos em consideração o contexto de produção, é possível inferir que a raposa pode ser comparada aos cidadãos gregos, que detinham o “conhecimento”, pois nessa época a sociedade grega, apesar da população limitada, era grande exploradora do ramo da ciência, progredindo em campos da matemática e da filosofia, por exemplo, deixando um legado de conhecimento que perpetua até os dias atuais. Assim, esse caráter filosófico e astuto pode ser relacionado à raposa, da fábula supracitada, que tem como personalidade o anseio por atingir seus objetivos sem se importar com os meios necessários para alcançá-los.

A seguir, vejamos a análise da fábula “O raposo, o macaco e os animais”, de Jean de La Fontaine.

Fábula 2 – “O raposo, o macaco e os animais”, de Jean de La Fontaine

Prosseguindo com as análises das fábulas, dispomos a seguir a fábula escolhida e faz-se necessária a abordagem dos elementos que compõem o gênero fábula dentro do enunciado concreto analisado, com o objetivo de tecer uma descrição da fábula.

Tabela 2: O raposo, o macaco e os animais (Barão de Piranapiacaba (Trad.).

E	V	
1	1	Falecendo o rei dos bichos,
	2	Que era um célebre leão,
	3	Reúnem-se os seus vassalos
	4	Para uma nova eleição.
2	5	Tiram do estojo a coroa,
	6	Que um dragão guardado havia

	7	Por todos experimentada,
	8	A nenhum deles servia;
3	9	Era grande para muitos;
	10	Para alguns pequena fica,
	11	E nos que têm fronte armada
	12	Sobre os chavelhos embica.
4	13	Rindo e fazendo caretas,
	14	Também o mono ensaiou,
	15	E cortejando-a, – mil sortes,
	16	Mil momices praticou;
5	17	Como por arco de circo
	18	Por dentro dela pulando,
	19	Foi do povo circunstante
	20	Aplausos angariando.
6	21	E tanto disso gostaram,
	22	Que o macaco foi eleito;
	23	E a maioria dos bichos
	24	Acudiu a dar-lhe preito.
7	25	Pesou somente ao raposo
	26	Que o voto havia dado;
	27	Mas esse arrependimento
	28	Ficou no peito guardado.
8	29	Prestada sua homenagem,

	30	O matreiro diz ao rei:
	31	“Há, senhor, dinheiro oculto
	32	Em sítio, que vos direi.
9	33	Pertence ao rei, por direito
	34	Todo o tesouro escondido”.
	35	E, revelado o segredo,
	36	Fala ao macaco no ouvido.
10	37	O novo rei que o dinheiro
	38	Ambicioso almejava,
	39	Foi ao lugar, em pessoa,
	40	Pois de ninguém confiava.
11	41	Cai num laço; e do raposo
	42	Ouve em nome dos vassalos:
	43	“Se não sabes governar-te
	44	Como queres governá-los?”
12	45	Foi demitido o macaco
	46	E demonstrado também
	47	Que a muito poucas pessoas
	48	O diadema convém.

Fonte 2: LA FONTAINE, J. Fábulas. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Esta fábula foi escrita por Jean de La Fontaine, fabulista francês do século XVII que utilizava o tipo verso, em poesia, como estilo literário, e é composta com um narrador de caráter onisciente, que tem como característica o conhecer do íntimo de cada personagem. Caracterizando-se desta forma como gênero híbrido, pois segundo Pagano (2001):

O hibridismo parece surgir, assim, da práxis ou da produção textual, que, se bem participa de um gênero específico ou se vincula a ele, está sempre ativando outros gêneros. Embora diferenciados no início, esses outros gêneros vão aos poucos incorporando-se e misturando-se com o gênero predominante em primeira instância (PAGANO, 2001, p. 88).

La Fontaine, em seu processo de produção, trabalhava as fábulas utilizando características da poesia; o mesmo detinha-se em abordar o gênero fábula e todas suas características, contudo valendo-se de outros gêneros, como a partir do uso de versos, caracterizando desta forma a “fábula híbrida”.

Quanto à história da fábula acima, desenvolve-se em “uma nova eleição”, ou seja, o cenário é eleitoral cujo objetivo é escolher um novo rei (1ª estrofe, verso 4). Consecutivamente, o tempo acontece cronologicamente, tendo como característica o não uso de lembranças do passado.

Na fábula em análise existem dois personagens de grande importância para o enredo: o macaco e o raposo. O macaco é o personagem em que a trama se envolverá, sendo classificado como o protagonista. O raposo, portanto, é o personagem antagonista que causará o confronto e fará a armadilha. Os outros animais, por conseguinte, são considerados como figurantes da cena. O discurso das personagens, por sua vez, é direto. Pode ser percebido em toda a história, através das falas do raposo marcado, pelo uso de aspas, que podemos perceber na 8ª estrofe, nos versos 31 a 32, na 9ª estrofe, nos versos 33 a 34 e na 11ª estrofe, nos versos de 33 a 44.

Detendo-nos em uma análise mais profunda da fábula, podemos interpretar a história como um cenário de monarquia que há anos era representada de maneira soberana pelo leão. Contudo, diferentemente da monarquia, eleições precisam ser feitas para que se possa ter um novo representante, este deve fazer as escolhas certas em prol do bem-estar dos cidadãos, deve presidir de maneira igualitária e justa. Mas o substituto do leão, no caso o macaco, que foi eleito democraticamente, traiu a confiança do povo, e fora corrompido pela ganância e poder, através do discurso do raposo que se arrependeu de votar no macaco, talvez por sentir inveja e querer ocupar o cargo do mesmo, e “vestiu-se” de bom conselheiro com a finalidade de persuadir o atual representante dos animais a querer poder, além do que precisava, e de forma não justa. Percebemos, desta forma, que o *ethos* do

antagonista está manifestado, pois o mesmo deteve-se de um discurso com a finalidade única de corromper a integridade monárquica do macaco.

O raposo cria uma situação em que o macaco vê-se tentado a ir à busca daquilo que deseja, por intermédio da provocação causada, com a real intenção de expor o monarca, que, por falta de domínio próprio, caiu no laço. A partir disso, a moral da fábula é a máxima do saber transmitida pelo autor: “a muito poucas pessoas / o diadema convém” (12ª estrofe, Versos de 47 a 48). Assim, entende-se que o macaco, cheio de ambição causada pelo discurso do raposo, deixou-se por acreditar sem verificar de fato se a procedência deste discurso era verdadeira ou não, levando à sua ruína.

Observemos atentamente a imagem a seguir:



Figura 2: (Desconhecido, in: LA FONTAINE. Fábulas. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 150).

É de autoria desconhecida esta representação gráfica inserida no livro Fábulas, de La Fontaine (2004). Tal representação gráfica tem como finalidade o direcionamento para a percepção do que está disposto no enredo da fábula. Percebe-se que o raposo está presente no plano inferior central da imagem enquanto o macaco encontra-se no plano superior central, e os demais animais estão dispostos em torno dos personagens atuantes, dando a representação de monarquia, de fato.

O raposo adota uma postura que transmite o *efeito* de que este tenta comunicar-se, de um nível inferior, com a Majestade, o macaco. Contudo, percebemos que a postura da raposa, na imagem, é de que está a alcançar sua presa, pois o macaco está com uma de suas pernas levantada evitando ser pego

pelo raposo. O raposo não está com postura de submissão, mas de um predador. Assim, o raposo encontra-se apoiado somente sobre a pata direita traseira, a esquerda levemente suspensa, utilizando a dianteira esquerda como apoio e a dianteira direita como sinal de que quer alcançar sua presa; são características que se atribuídas a de humanas dão a alusão de comportamento de reinado, e como tal há os que desejam o poder mais que outros.

A partir da 7ª estrofe e versos de 25 a 27, também percebemos o *ethos* do personagem raposo, que começa a ser percebido desde o início da história. Nesses versos, o autor atribui ao personagem características como ditas anteriormente, a capacidade de pensar e sentir e que serão os símbolos presentes no texto que caracterizarão o gênero fábula. Na 8ª estrofe, o interlocutor perceberá que o *ethos mostrado* é notado através do discurso do narrador quando este enuncia: “Há, senhor, dinheiro oculto; Em sítio, que vos direi; Pertence ao rei, por direito; Todo o tesouro escondido”, o intuito do raposo era de convencer o atual rei, no caso o macaco, por meio da ganância em querer mais poder, a cometer erros que o levarão a perder o reinado.

No entanto, o macaco *fia-se* a uma falsa imagem, ocasionando sua exposição ao cair na armadilha feita pelo raposo exposto no enunciado “Cai num laço”, ele detém-se de comportamentos e discursos que causarão um efeito de confiança no macaco a acreditar que está sendo sincero, contudo não está.

Embasando-se nas análises construídas com base nos enunciados do personagem, os efeitos de sentido construídos refletem comportamentos sociais como: o remorso, a astúcia, a engenhosidade hábil, a falsidade, o caráter ambíguo; entretanto o raposo, além de ter pensado em si ao decidir expor o macaco, por ser egoísta e priorizar seus interesses, também pressupõe-se que haveria de ter pensado no restante dos vassallos e nas consequências de um mal reinado, conferindo, assim, ao macaco, a qualidade de ser humano que toma atitudes que priorizam primeiro seus interesses e não valorizando o bem comum, como deveria ser.

Este raposo pode ser classificado como o arquétipo do homem astuto, matreiro, falso, que pensa unicamente em si, representação que se estende, inclusive, ao século XXI. Deste modo, o *ethos discursivo* do raposo é identificado a partir dos discursos que refletem estereótipos de um ser astuto e provocador, com o anseio por atingir seus objetivos pessoais em defesa de si e da coletividade.

Detendo-se ao homem do século XXI, podemos fazer um comparativo com a atual política brasileira, no qual o representante da República Federativa Brasileira, eleito de quatro em quatro anos, assim como outros cargos do poder legislativo, como prefeitos, vereadores, deputados e senadores, tem a tarefa de presidir de maneira igualitária toda a população e de forma justa. Contudo, sabe-se que o Brasil é um dos países mais corruptos do mundo, de acordo com o relatório de Transparência Internacional de 2018. Realizando-se uma possível relação entre a fábula de La Fontaine e certas relações políticas do século XXI, temos o macaco como a representação do político corrupto; o raposo como o responsável em persuadir o político a liberar certas regalias em troca de bens; os outros animais como a representação da população eleitoral que elege um político com o intuito de ser um bom governante, mas acaba sendo “enganada”, muitas vezes.

Considerações finais

O presente estudo nos proporcionou analisar, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, as fábulas: *O raposo, o macaco e os animais*, de Jean de La Fontaine, e *O galo e a raposa*, atribuída a Esopo. E, por conseguinte, refletir sobre o processo de constiuição do *ethos* da raposa que está integrada nas fábulas estudadas, analisar a relação que há entre o *ethos* discursivo da raposa e a uma certa imagem do homem do século XXI, bem como esclarecer como os estereótipos relacionam-se ao contexto social de produção. Ressaltamos que as informações acerca de Esopo e Jean de La Fontaine contribuíram para a interpretação dos textos tanto nos aspectos linguísticos quanto na identificação da representação da personagem raposa e os valores que remetem ao contexto de produção.

Percebemos nas análises das fábulas que as raposas/sujeitos não eram livres para dizer o que queriam, mas, eram assujeitadas, levadas, sem que tivessem consciência disso, a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe era possível a partir deste lugar que ocupam, levando os demais personagens a crerem em seus discursos proferidos, como observamos na primeira fábula analisada, em que a raposa tentava convencer o galo a descer da árvore, com seu discurso mentiroso, mas não se importando desde que seu objetivo fosse alcançado, que era de fazer o galo descer da árvore para comê-lo.

Na segunda fábula, percebemos que o raposo também “vestiu-se” de um discurso mentiroso a fim de convencer o macaco a corromper-se pela ganância. Ambas as raposas, em seus discursos, apoiaram-se de um conjunto de caráter e corporalidade que representassem fielmente a imagem de honestidade a fim de alcançar seus objetivos. Dessa maneira, vestiram-se de uma imagem que não era propriamente delas, mas sim uma imagem “transvestida” a partir do que o interlocutor pretendia alcançar.

Portanto, engendrada por Maingueneau (2008), compreendemos que a noção de ethos está vinculada, não apenas ao tom, mas também a outros aspectos, como o caráter e a corporalidade. Além disso, o *ethos* está relacionado aos elementos que contituem a cenografia do discurso e aos estereótipos socialmente partilhados. Nesse viés, ressaltamos que os estereótipos, ou seja, a “representação cultural preexistente” (AMOSSY, 2008, p. 125) contribuem para a constituição da representação (imagem) do enunciador. Notamos também que o gênero discursivo fábula é um ótimo instrumento para que o professor possa trabalhar temas éticos, morais e filosóficos, visando ao desenvolvimento de consciência e pensamento crítico sobre o que ocorre nos diversos campos de atividade humana.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-PEREIRA, R; OLIVEIRA, A. M. de. Cronotopo. In: PEREIRA, S. V. M; RODRIGUES, S. G. C. (Org.). *Dialógos em verbetes: Noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- OHUSCHI, M. C. G.; GOMES, N. De S. Conceitos axiológicos em recursos linguístico - enunciativos no gênero discursivo Fábula. In: BELOTI, A.; POLATO, A. M.; BRITO, P. A. P. *Dialogismo e ensino de línguas: reflexos e refrações na práxis*. -- Campo Mourão, PR: Editora Fecilcam, 2021.
- AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- AUHLIN, A. *Ethos et expérience du discours: quelques remarques*. In: M. WAUTHION; SIMON (éds.). *Politesse et idéologie. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelle*. Louvain: Peeters, 2001, pp. 77-95.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 261-306.

- CAMPOS, M. C. G. Con – fabula – ndo. In: *Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE*, 2008, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1519-8>.
- CIRLOT, J. E. *Dicionário de Símbolos*. Editora Moraes. São Paulo, 1984.
- ESOPO. *Fábulas*. MartinClaret. São Paulo. 2005.
- LANOT, F. *et al. Dicionário de Cultura Literária: 100 citações e 100 personagens célebres*. Difel: Rio de Janeiro, 2007.
- MAINGUENEAU, D. *Variações sobre o ethos*. Tradução: Marcos Marcolino. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.
- MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Unicamp & Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes: 2001.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 2 ed. Campinas: Cortez, 2002.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Os termos-chave da análise do discurso*. Lisboa: Gradiva Publicações, 1997.
- MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). *Ethos discursivo*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto 2011.
- PORTELLA, O. O. *A fábula*. In: *Revista Letras*, Curitiba, 1983. Só história. A conquista do território grego pela Macedônia. Disponível em: <www.sohistoria.com.br/ef2/grecia/p4.php> Acesso em 01 ago. 2014.